

PATRÍCIA MORENO

# LISBOA, D. CARLOS,

A QUEDA DO MINISTRO  
E A PRISÃO DO MARQUÊS



CHIADO  
BOOKS

PORTUGAL | BRASIL | ANGOLA | CABO VERDE

# Índice

<b>As razões deste livro.....</b>	<b>9</b>
<b>O início do reinado.....</b>	<b>13</b>
O quadro constitucional e o panorama político .....	13
Os receios nas finanças públicas.....	28
A República brasileira.....	36
A aclamação de D. Carlos.....	43
<b>O ano de 1890 .....</b>	<b>57</b>
O Ultimatum .....	60
As ondas de choque .....	73
Consequências políticas.....	90
<b>O ano de 1891 .....</b>	<b>111</b>
O 31 de janeiro 1891.....	117
Os problemas das finanças públicas.....	121
O empréstimo sobre os tabacos.....	124
Legislação para atenuar a crise .....	136
Nomeação de um novo Ministro da Fazenda.....	148
Mariano de Carvalho e o Marquês da Foz .....	158
Os últimos dias de 1891 .....	177

<b>Janeiro de 1892.....</b>	<b>181</b>
Quinta-feira, 7 de janeiro 1892.....	187
Segunda-feira, 11 janeiro 1892.....	197
Terça-feira, 12 janeiro 1892.....	212
Quarta-feira, 13 janeiro 1892.....	214
Quinta-feira, 14 janeiro 1892.....	218
A conclusão de uma semana.....	229
A nova administração da companhia.....	233
O novo governo.....	233
<b>Um caso de polícia.....</b>	<b>245</b>
O desfecho.....	258
O leilão do recheio do Palácio do Marquês da Foz.....	263
<b>Em conclusão.....</b>	<b>277</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>281</b>

## AS RAZÕES DESTE LIVRO

“Pouco mais de três anos são decorridos sobre o trágico fim de el-rei D. Luís e dir-se-ia

que o fechar do seu ataúde soltou lugubrememente as fúrias da desgraça, euménides que pairavam enquanto a roda de uma fortuna falsa ia acumulando, em voltas sucessivas, as causas da ruína próxima.

Foi uma coroa de espinhos a que o moço rei teve para colocar sobre a cabeça. E nem o brio da juventude lhe permitiu um instante o gozo da vaidade a que se chama fortuna.

Cada hora que passa vai juntando folhas novas ao livro sombrio dos nossos destinos presentes. Estala um dia o conflito inglês, epílogo da história recente da partilha da África, episódio da história antiquíssima da influência britânica na Península. No dia seguinte, desmorona-se o império do Brasil, e a república lança a sociedade num delírio de agiotagem, e a nação num desvairamento de fantasia constitucional que será milagre resistir unida. Dos dois lados do Atlântico, a fatalidade açoita-se as duas nações lusitanas. Outro dia rebenta a crise, patenteando cruelmente a mendicidade do tesouro saqueado, e ficção de uma riqueza de ouropel. Na véspera do dia imediato,

vinham à supuração apostemas sucessiva de bandidismo coletivo. E antes, depois e sempre, em todo o decurso deste já longo terramoto, cujo fim não vimos ainda, o moço rei, sozinho, desajudado de homens prestigiosos que lhe amparassem o trono, com partidos desconjuntados que na hora do perigo se demitem, confessando meritoriamente a sua impotência, ouvia estalar os tiros sediciosos do Porto e crescer a vozeria, confundindo os erros da sociedade com a responsabilidade da Coroa, esperando a salvação da queda da monarquia.

Como se, no jogo mais ou menos imperfeito das instituições vigentes, houvesse alguma espécie de tirania! Como se o homem, que se sentou no trono, pudesse ser responsável pelos erros acumulados em dezenas, em centenas de anos! Como se a desesperança, a apatia, o abandono com que a sociedade portuguesa se submete à oligarquia das clientelas e cabalas que a exploram, fossem filhas da ação perniciosa da Coroa! Como se, pelo contrário, não pudesse o rei queixar-se de tantos que desertam o trono...”<sup>1</sup>

Este texto escrito décadas anos após o assassinato de D. Carlos expressa bem as vicissitudes com que o monarca se deparou no início do seu reinado. No entanto foi a queda política do Ministro da Fazenda, Mariano Cirilo de

---

<sup>1</sup> Martins, F.A.Oliveira, Martins (1949), *D. Carlos I e os “Vencidos da Vida*, Parceria António Maria pp. 103-105

Carvalho e a prisão do Marquês da Foz, conhecido financeiro, em janeiro de 1892 que selaram definitivamente o descrédito da classe política e dos homens das finanças.

Este livro que agora se inicia procurará mostrar que os acontecimentos de janeiro de 1892, embora possam ser considerados menores, foram o culminar de sucessivos factos e casos que feriram de morte a figura do monarca e do regime monárquico.